

Ipea revela que cidades ricas concentram 10 vezes mais renda que as pobres

(Renata Mariz)

A queda na concentração de renda no país, verificada no período mais recente da história brasileira, não levou a um equilíbrio territorial na geração de riqueza. Ainda é gritante a desigualdade entre os municípios nesse quesito. Para se ter ideia, enquanto o grupo 1% mais rico participa com 47% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, os 40% mais pobres respondem por 4,7%. Tal disparidade, apontada ontem em estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), precisa ser combatida por meio de investimentos descentralizados, avalia Márcio Pochmann, presidente da entidade. Os dados mostram que a concentração de renda, com base nos PIBs das cidades, manteve-se estável entre os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Fernando Henrique Cardoso. A informação mais recente é de 2007.

Entrada da cidade de Paulínia, no interior paulista: alto PIB por conta das indústrias instaladas. Os 556 municípios considerados os 10% mais ricos do país contribuíram com 78,1% do PIB brasileiro tanto em 1996, início do governo tucano, quanto em 2007, já na gestão petista. Por outro lado, a participação dos 40% mais pobres teve aumento irrisório, de 4,6% para 4,7%, no mesmo período. “Não houve mudanças significativas a ponto de alterar a configuração dos municípios no que diz respeito à geração de riqueza”, constata Pochmann. Presidente da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), Paulo Ziulkoski destaca que essa concentração territorial de produção só se dará quando temas espinhosos no Congresso Nacional forem discutidos, como a

reforma tributária e a política industrial nacional. Márcio Pochmann, presidente do Ipea, fala sobre desigualdade de renda entre os municípios brasileiros. Mais importante que verificar a desigualdade na produção de riqueza entre as cidades brasileiras, de acordo com Ziulkoski, é se atentar para a distribuição injusta dos resultados entre a população. “Existem municípios como Paulínia, em São Paulo, ou Triunfo, no Rio Grande do Sul, que exibem PIBs altos, em função de indústrias ali instaladas, mas a maior parte da população vive na miséria. Os lucros dessas operações vão para investidores longe dali, nas grandes cidades e até fora do Brasil”, critica o dirigente da CNM. Chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri concorda com a relação. “A desigualdade entre as cidades é o mesmo fenômeno que acontece entre as pessoas, a concentração de renda está presente nas duas análises”, diz.

